



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS**

A REPRESENTAÇÃO DO IDOSO EM POEMAS PARA CRIANÇAS

Jéssica Amanda de Souza Silva

Campina Grande – PB
Março de 2014

Jéssica Amanda de Souza Silva

A REPRESENTAÇÃO DO IDOSO EM POEMAS PARA CRIANÇAS

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Letras da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para a obtenção do grau de licenciatura em Letras.

Campina Grande – PB
Março de 2014

Dedicatória

Aos meus avós, que com coragem, sabedoria e bondade constituíram e me deram de presente o bem mais precioso da minha vida: a minha família, o meu lar.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, às mulheres da minha vida, sem as quais eu não existiria – quiçá a minha formação – e cuja força, garra e amor sempre foram, por mim e a mim, incondicionais.

À minha querida vovó (Vera), por ensinar a nossa família o valor da bondade, humildade e sabedoria. Obrigada, vovó, por me ajudar a soletrar a palavra “bola” e tantas outras enquanto cozinhava o almoço de nossa família, sempre delicioso. Obrigada por me contar estórias, por cantar canções de ninar e por fazer brotar em mim a paixão pela arte. Obrigada por compartilhar momentos maravilhosos e por ser a minha eterna amiga e confiante.

À minha amada mãe (Sheyla), por sua coragem, força, determinação e ousadia em assumir o papel de mãe e pai quando ainda tão jovem. Obrigada por ter sido sempre provedora de tudo aquilo que precisei, sobretudo do amor. Obrigada por me ensinar o certo e o errado, por me proteger e por segurar a minha mão diante dos obstáculos e por me ensinar a enfrentá-los sozinha, quando preciso. Obrigada por ser essa mãezona que nem sempre mereci e que todo mundo admira e reconhece. Você é a principal personagem da minha história, foi, é e sempre será tudo pra mim!

À Carmem (Carmelita), por tornar o meu dia mais fácil (e muito mais gostoso). Por se fazer presente, conselheira e amiga. Por estar sempre ao meu lado quando preciso.

Às minhas tias Consul (Consuêlo) e tia Nana (Adriana) por me amarem como filha. Pelas vezes em que me acolheram em suas casas, pelas conversas maravilhosas, pelas vezes em que me deram broncas, pelos ensinamentos e, sobretudo, pelo amor.

A todas as mulheres que por algum dia me pegaram no colo, me trataram e cuidaram com carinho: D. Ivanilda, Sig, Gil, Vanda, Érica, Patrícia e Jordeana, meu muito obrigada.

Aos homens de minha família por assumirem diversas vezes o papel de pais e por me protegerem.

Ao vovô Deto, por me amar, me fazer rir e me endereçar poemas desde o meu primeiro dia de vida. A poesia só existe em minha vida por sua causa, vovô, obrigada!

Aos meus queridos tios – Júlio, Sérgio, Eduardo e Tony – pelos exemplos de bons homens que são. Pelo acolhimento, proteção e amor que me dão.

Aos meus primos e também amigos, Kinho (Érick), Theus (Matheus), Julinho (Júlio), Tha (Thales) e Biel (Gabriel) por se conservarem tão próximos, quase que como irmãos. Obrigada pelo companheirismo e pela união entre nós.

Obrigada a toda a minha família, por ser tão unida e linda. Por fazer dessa instituição o meu eterno lar, o meu porto-seguro, a minha paz, proteção e fortaleza. Amo cada um de vocês.

Aos meus amigos, que sempre me incentivaram, acreditaram e me acompanharam nessa jornada.

Aos amigos de infância e juventude: Mariana Davi, Alice Davi, Mariana Nascimento, Igor, Jéssica Raiane, Victor Hugo e tantos outros, por dividirem saberes e alegrias.

Às minhas queridas e eternas lulas: Nnessa (Vannessa), pela cordialidade; Faraquinho (Danielly Macêdo) pelo companheirismo; Dany (Danielly Reis) por me ensinar a ser persistente; Juju (Juliane) por me ensinar a ser paciente; e Jardi (Jardiene) por me ensinar a acreditar em mim mesma. Obrigada pelos estudos noturnos, risos, companhia, cumplicidade, cordialidade, amizade, irmandade e amor incondicional. Sem vocês, eu jamais teria chegado até aqui.

Às queridas Rose (Rosângela Luna), Marina, Mar (Marcela) e Mica (Micaela) por se importarem, por me dar forças, por “quebrar galhos” e aconselharem.

Ao meu namorado, amigo e eterno amor, Isaac, por acreditar em mim e me incentivar. Por me fazer querer ser o melhor que posso. Te amo!

Aos meus sogros, Jacqueline e Izaias, e cunhada, Nathalia, pelo acolhimento, conselhos e incentivos nessa minha caminhada.

Às pessoas que fizeram a minha jornada possível e contribuíram de alguma forma para com o meu crescimento.

Aos funcionários da UAL, sobretudo Waldemar e Marciano, sempre solícitos, pelo suporte e ajuda.

À família Pet-Letras/UFCG, meu muitíssimo obrigada, por enriquecer a minha formação, por me fazer crescer no Curso e por tantos ensinamentos na minha longa caminhada.

Por último e não menos importante, aos mestres que, durante toda a minha vida, me orientaram não somente em sala de aula, mas também fora dela. Tenho plena consciência da importância de cada um na minha formação escolar, acadêmica e humana.

À minha primeira professora, Tia Leidinha, por me ensinar o “b-a-bá” e aos professores Kennedy Machado, João Sabino, Fabíola Cordeiro, Auxiliadora Bezerra, Aloísio Medeiros, Zé Mário, Denise Lino, Adeildo Pereira, Normando Brito e tantos outros que, com entusiasmo e paixão, me convidaram a apreciar o saber.

Às componentes da banca examinadora deste trabalho, Prof^a Aluska Silva e Prof^a Ana Lúcia, pela leitura, sugestões e contribuições enriquecedoras.

Ao querido professor, orientador e amigo Hélder Pinheiro por, nos ensinamentos da disciplina Literatura Infantil, me fazer encantar pela Poesia para crianças e tornar possível esta pesquisa.

A todos que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho, o meu muito obrigada!

Resumo

Este trabalho teve por objetivo verificar a representação do idoso em poemas infantis a fim de constatar a maneira como o velho é apresentado à criança. Para tanto, em nosso estudo, de natureza bibliográfica e interpretativa, selecionamos sete poemas infantis, de autores modernos ou contemporâneos, que representam o idoso em seus versos. Observamos nesses poemas as características físicas e o perfil do velho representado; identificamos e descrevemos o tipo de relação intergeracional existente entre a pessoa idosa e a criança; e investigamos se os poemas sugerem à criança o respeito e o cuidado para com os idosos. Para tanto, fundamentamo-nos em: Camarano (1999), Bruno (2010), Mercadante (2010) e Mendes (2012), para contextualizar a situação do idoso no Brasil; Azevedo (2001), Castro (2007) e Ribeiro (2010) para discutir as concepções históricas e especificidades da “criança”; e Bordini (1986; 2003), Aguiar (2001), Pinheiro (2007; 2010) e Silva (2010) para ressaltar as peculiaridades da Poesia Infantil. Como principais resultados, identificamos que a maioria dos poemas traz uma representação positiva do velho e geralmente o caracteriza como parente (avô/avó) do eu-lírico. Além de apresentarem uma imagem dignificante do idoso e relações intergeracionais bastante respeitadas, há, também, uma tendência a retratá-lo de forma lúdica e/ou encantada, o que diverte e estimula a imaginação da criança leitora. Neste sentido, quando lidos pela criança, esses poemas podem contribuir para que elas desenvolvam posturas e ações valorativas para com a pessoa idosa.

Palavras-chave: Literatura. Poesia Infantil. Idoso.

Abstract

This study aimed to verify the representation of the elderly in children's poems to ascertain how the elder is presented to child. Accordingly, in our study, bibliographical and interpretive nature, we selected seven nursery rhymes, modern or contemporary authors, who represent the elderly in his verses. Observed in these poems the physical characteristics and represented the old profile; identify and describe the type of intergenerational relationship existing between the elderly and children; and investigate whether the poems suggest the child respect and care for the elderly. To do so, fundamented us at: Camarano (1999), Bruno (2010), Mercadante (2010) and Mendes (2012), to contextualize the situation of the elderly in Brazil; Azevedo (2001), Castro (2007) and Ribeiro (2010) to discuss specifics and historical concepts "child"; and Bordini (1986;2003), Aguiar (2001), Pinheiro (2007; 2010) and Silva (2010) to highlight the peculiarities of Children's Poetry. As main results, we found that most of the poems brings a positive representation of the old and generally characterized as relative (grandfather/grandmother) of self-lyrical. In addition to submitting a dignified image of the elderly and very respectful intergenerational relationships, there is also a tendency to portray him in a playful and/or enchanted form, which entertains and stimulates the imagination of the child reader. In this sense, when read by children, these poems can help them to develop evaluative attitudes and actions toward the elder.

Keywords: Literature. Children's Poetry. Elderly.

Sumário

APRESENTAÇÃO	10
CAPÍTULO 1: ENVELHECER É HUMANO.....	13
1.1 A situação do idoso no Brasil	13
1.2 A representação do idoso na Literatura.....	18
CAPÍTULO 2: POESIA PARA CRIANÇAS	20
2.1 Ser criança: concepções históricas	20
2.2 As peculiaridades da Poesia Infantil	22
CAPÍTULO 3: A REPRESENTAÇÃO DO IDOSO NA POESIA INFANTIL: ALGUNS EXEMPLOS.....	31
3.1 Há séculos atrás.....	31
3.2 Nos dias atuais... ..	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	54

Apresentação

A experiência literária permite – a quem lê – viver situações diferenciadas, que se aproximam (ou não) da realidade de seu leitor. Aquela possibilita a este desprender-se de seu mundo e habitar outros tantos diferenciados, novas situações e experiências que ultrapassam as fronteiras do já-vivido.

Nesse sentido, em um texto literário, um leque de proposições, ações e decisões é apresentado ao leitor – que pode enveredar por inúmeros caminhos, seguindo ou não o escolhido pelo personagem/eu-lírico que fora acompanhado durante a sua leitura. Tal característica é própria do texto literário e vem sendo denominada por apreciadores e críticos como *caráter humanizador da literatura*, a exemplo de Antonio Candido (1995) em seu texto “Direito à Literatura”. Como em tantos outros gêneros literários, esse caráter humanizador não foge à Poesia.

Apesar de a Poesia não se propor a uma ação didatizadora, ela acaba por, naturalmente, apresentar situações, decisões e ações, que saltam aos meros versos de um poema, podendo orientar o seu leitor diante dos impasses da vida e influenciar as suas escolhas e caminhos trilhados. É exatamente por este fator que ela assume um papel tão importante na vida de quem pratica a sua leitura.

Ora, se a Poesia assume tal papel humanizador, os poemas voltados à criança assumirão um papel ainda maior e mais importante, pois é durante a infância que a personalidade, o caráter e as características que fazem do infante um ser único e singular no mundo se desenvolvem. Uma vez iniciado à leitura de forma inadequada, a criança pode renunciar experiências literárias posteriores, deixando de lado as vantagens que uma boa leitura pode trazer a quem lê.

Portanto, os poemas a serem apresentados à criança, que só agora inicia a sua leitura, devem ter qualidade literária que contribua para, além de uma identificação de quem se é enquanto ser-humano e ser-social, a aquisição de novos valores, ideias e opiniões, bem como a preparação do infante para situações e obstáculos, que inesperável e incontrolavelmente sucedem à vida de cada homem.

Nesse sentido, dentre os inúmeros e diversificados temas apresentados à criança através da Poesia Infantil, o que nos instigou foi o tema do envelhecimento humano. Primeiramente porque a sociedade vivencia um acelerado aumento da população idosa no

Brasil e no mundo e, conseqüentemente, das demandas sociais desse público em prol de uma melhor qualidade de vida e interação/inclusão social. Depois, porque, diante desse envelhecimento da sociedade, há a preocupação quanto à sensibilização das pessoas para com o respeito, o cuidado e a atenção que demandam os idosos. E, ainda, porque sentimos, infelizmente, a falta de estudos críticos sobre essa temática na Literatura Infantil.

Muitos são os estudos sobre o envelhecimento. Muitas são as análises e críticas acerca do comportamento da sociedade para com o público idoso. Muitas são as campanhas para que haja o respeito entre as gerações. Porém, pouco se estuda sobre quando e de que forma essa orientação começa (ou deve começar) na vida de cada pessoa. Acreditamos que, para uma boa convivência – visando, sobretudo o respeito e o cuidado – entre a população jovem e idosa; para a preparação e aceitação do envelhecimento de pessoas próximas e do seu próprio, essa orientação deve ser iniciada durante a infância.

Assim, a forma pela qual o idoso é apresentado (ou representado) ao infante, seja através dos ensinamentos da família, seja através da literatura, pode contribuir para a humanização da criança e a boa convivência intergeracional, sendo a representação do idoso em poemas infantis o nosso objeto de estudo.

Dito isto, a presente pesquisa tem como objetivo geral verificar e analisar a representação do idoso em poemas infantis de autores modernos e contemporâneos e, como objetivos específicos, 1) Observar características físicas e o perfil do idoso representado (quando houver tal caracterização); 2) Identificar, nos poemas selecionados, que tipo de relação intergeracional existe entre o idoso e a criança e descrever como é construída (quando houver tal interação); e 3) Investigar se os poemas infantis analisados sugerem à criança o respeito e o cuidado com os idosos.

Para que todos os objetivos, previamente propostos, fossem alcançados, elaboramos uma pergunta norteadora – a saber: 1) De que modo o idoso é representado nos poemas infantis selecionados? – que orientou os estudos e a análise trazida neste trabalho.

A nossa pesquisa é de natureza bibliográfica e interpretativa, uma vez que seleciona poemas e os analisa de acordo com o tema a que se propõem versar. O seu corpus é composto por sete poemas destinados ao público infantil: *Clock, o relóginho solitário*, de Rádyr Gonçalves, *Casa de avó*, de Roseana Murray, *Os óculos da vovó*, de Dom Marcos Barbosa, *A avó*, de Bastos Tigre, *Onde será que ela está?* e *A casa do meu avô*, de Ricardo Azevedo e *A língua de Nhem*, de Cecília Meireles.

Todos os poemas selecionados foram coletados na internet, mais especificamente, em *blogs* de sugestão de leitura para crianças, visto que acreditamos ser, esse tipo de site, uma ferramenta de fácil acesso dos infantes e, os poemas sugeridos, provavelmente, ampla e constantemente lidos pelas crianças.

Tais poemas respondem a três critérios elaborados para a sua seleção e análise, a saber: 1) Serem indicados ao público infantil; 2) Trazerem a representação do idoso em seus versos; e 3) Seus poetas serem modernos ou contemporâneos.

A respeito da estrutura de nosso trabalho, ele está dividido em três capítulos e considerações finais.

O primeiro capítulo traz uma contextualização sobre o envelhecimento, problematiza o tema do idoso e sua situação em nosso país. Aborda ainda a importância da Poesia Infantil para a sensibilização da sociedade frente ao tema do idoso.

O segundo capítulo traz, por sua vez, reflexões acerca da natureza do universo infantil e das especificidades da poesia destinada à criança, discutindo, sobretudo, as características que qualificam determinado poema como “adequado” ao infante.

Já o terceiro e último capítulo do nosso trabalho traz a análise da representação do idoso abarcada nos poemas infantis previamente selecionados, tecendo considerações sobre os aspectos que, recorrentes, podem contribuir para a sensibilização das crianças frente ao tema e, conseqüentemente, da sociedade como um todo.

Por fim, apresentamos, nas considerações finais, uma discussão geral acerca dos resultados encontrados pela nossa pesquisa.

CAPÍTULO 1: Envelhecer é humano

Este primeiro capítulo traz uma breve contextualização sobre o envelhecimento da sociedade contemporânea, problematizando o tema do idoso e colocando em evidência a condição e as demandas da população idosa em nosso país. O capítulo revela ainda a importância da literatura e, sobretudo, da Poesia Infantil, para a sensibilização da sociedade frente ao tema, de modo a garantir os direitos e a inclusão social do idoso, conforme regula o marco legal de proteção à pessoa idosa.

1.1 A situação do idoso no Brasil

O crescimento da população idosa¹ é um fenômeno mundial acarretado, naturalmente, pelo processo de desenvolvimento e industrialização da sociedade. Ele é observado quando a taxa absoluta de idosos, diante dos demais grupos etários da população, tem crescimento significativo, podendo até mesmo superá-los.

No caso brasileiro, pode ser exemplificado por um aumento da participação da população maior de 60 anos no total da população nacional, como podemos atestar nas palavras de Mercadante *et al* (2010, p.3), abaixo:

No Brasil, o número de pessoas com mais de 60 anos, passou de 3 milhões em 1960 para (...) 14 milhões em 2002, apresentando um aumento de 500% em quarenta anos. As projeções demográficas para 2020 apontam para 32 milhões de idosos brasileiros em 2020, 15% da população do país, colocando o Brasil no sexto lugar do *ranking* mundial de países com maior número de velhos.

Tal fato se explica pelas baixas taxas de fecundidade, aumento da longevidade e urbanização acelerada, bem como pela redução da mortalidade (CAMARANO, 1999), ocasionados pelo alcance do processo de desenvolvimento e industrialização no nosso país.

Ora, o aumento da longevidade da vida, que se deve também aos avanços da medicina, deveria ser reconhecido como um ganho para a sociedade, que passa, coletivamente, a

¹Como idoso, consideramos aqui a população de 60 anos ou mais, assim como estabelecido na Política Nacional do Idoso.

viver mais e melhor, pois, estima-se que, em 2025, o brasileiro viverá em média até os 75,3 anos (MERCADANTE *et al.*, 2010, p. 3).

Porém, esse novo cenário significa gastos para o Estado, uma vez que os idosos necessitam de atenção e políticas públicas especiais, sobretudo no que diz respeito à saúde, para que possam viver mais e melhor, o que pressupõe viverem efetivamente integrados à sociedade.

Se, por um lado, as pessoas idosas passam a ter uma vida mais longa e, portanto, a requerer mais oportunidades de participação, produção e influência na sociedade, por outro, eles demandam gastos e – no senso-comum da sociedade atual capitalista – tomam os espaços que antes pertenciam às pessoas mais jovens. Como afirma Mendes (2012, p. 111):

Em uma realidade cultural produzida pela economia neoliberal onde (quase) tudo é negociável e descartável pela incessante novidade, é condição (ou condicionamento?) para subsistência estar em sintonia com o novo.

Em suma, o desenvolvimento e a industrialização, aliados à lógica do consumo e do lucro materializada pelo sistema capitalista, ao passo que permitem longevidade às pessoas, acabam por acirrar uma “luta” entre os jovens e as pessoas idosas por um lugar na sociedade.

Em uma sociedade capitalista e altamente tecnológica, estar em contato e saber utilizar a novidade é condição para a permanência e participação na sociedade, sobretudo, no que diz respeito ao mercado de trabalho. Desse modo, a lógica não é a de consertar o que quebrou, mas de comprar uma peça nova e tornar-se eficiente em usá-la. Assim mesmo se pensa com relação às pessoas que, com deficiência ou velhas, são interpretadas pela sociedade do consumo como pessoas inválidas.

O senso comum, na sua lógica capitalista, questiona: para que o Estado desperdiçaria tempo e dinheiro pensando em políticas públicas de saúde, educação e inclusão do idoso no mercado de trabalho e na sociedade, se esse mesmo Estado pode investir no futuro de jovens, dez vezes mais capazes, produtores e proficientes no uso de novas tecnologias? É esse tipo de pensamento (utilitarista) que acaba gerando o descaso e o preconceito para com as pessoas mais velhas.

Essa lógica tanto se arraiga no senso-comum, que a sociedade passa a estendê-la e aplicá-la no dia-a-dia, em toda a vida e em todas as questões, inclusive à do idoso. Uma

vez doente e não mais produtivo, o “velho” não merecerá “conserto”, pois não possui mais força de trabalho e/ou valor de mercado, podendo ser substituído por uma “peça” mais nova – leia-se: “jovem”.

(...) **nos últimos anos**, as pessoas em processo de envelhecimento têm enfrentado a desvalia engendrada pelo não reconhecimento de sua importância, **especialmente no mundo ocidental. Na lógica capitalista, quem não produz não tem mais o seu valor.** (Mendes, 2012, p. 113, grifos nossos)

As palavras acima nos mostram que – diferentemente de outras culturas, a exemplo da chinesa – no mundo ocidental, o processo de envelhecimento não significa um reconhecimento da aquisição de experiência e sabedoria; antes, para os jovens, este processo denota se tornar incapaz de produzir e de se apropriar de novas tendências. Por isso, a ideia da velhice amedronta os mais novos.

Parte-se, como afirma ainda a autora estudada, para uma busca incessante pela juventude eterna, ainda que isso custe sofrimento tanto para o jovem, quanto para aqueles que se aproximam da terceira idade ou já a vivenciam:

Dessa lógica advém a prerrogativa de que “o mundo é dos jovens”. Por isso, busca-se desvairada e intensamente, a juventude eterna “enquanto dure”, ainda que comprada em clínicas ou em forma de cápsulas. (MENDES, 2012, p. 111)

A sociedade, e dela não se exclui a esfera familiar, alienada pela novidade, desvaloriza e subestima os seus idosos. E, mais que isso, fecha os olhos para as suas demandas, ensurdece-se diante de suas vozes e os “jogam” no muro do esquecimento e da invisibilidade, olhando para o seu velho como um fardo, um ser inerte, incapaz, sem voz e sem autonomia. Mendes (2012, p. 111) nos confirma tais assertivas:

É nesse contexto de interações que, comumente, os jovens – crianças, adolescentes e adultos – veem, quando o fazem, os “velhos”, no seu linguajar, como “fora do prazo de validade” e que, portanto, ‘não merecem suas atenções ou tolerâncias. Acelerados pelos apelos da sociedade de consumo de produtos, idéias, sensações e emoções, muitas vezes (...) não percebem a sabedoria conquistada no tempo vital como valor. Além de colocarem os “velhos” em situação de invisibilidade, já que não valem mais, os enfrentam como empecilhos.

Essa realidade e pensamento comum geram o que a mesma autora denomina de *Bullying na envelhecimento*, constrangimento ao idoso que se estende a todos os âmbitos – desde o seio familiar, passando pelos próprios velhos, até os âmbitos públicos e sociais – e que causa a exclusão de inúmeros idosos. Ainda segundo a autora, o *Bullying* contra o velho se manifesta de diferentes formas:

Insultos, como dizer que o envelhecido “não serve para nada”; chantagens, fazendo com que a vítima faça o que ela não deseja fazer; acusações injustas; apelidos cruéis conduzem à principal consequência: a exclusão. (Mendes, 2012, p. 118)

Não é difícil atestarmos essas situações de humilhação do idoso no dia-a-dia. Pelo contrário, é só olharmos ao redor e veremos que o destrato com relação a essa parcela da sociedade é mais comum do que se pensa e do que se notifica.

Nos ônibus, nos estacionamentos, nas filas de bancos e supermercados temos vagas destinadas às pessoas idosas (que nem sempre são respeitadas). Em nosso senso comum, este fato é percebido já que “garante” a vaga, o bem-estar, os direitos e a cidadania do idoso, conforme regula o marco legal de proteção à pessoa idosa. Porém, olhando por outro lado, mais crítico-analítico, esse fato é sintomático da exclusão e do descaso que o idoso brasileiro sofre pela população jovem, fazendo-se necessário a imposição da Lei.

Ora, se a sociedade como um todo reconhecesse a pessoa idosa como parte integrante, participativa e atuante dela, se o reconhecesse em suas demandas e em seus direitos, por que seria necessário marcar o chão dos estacionamentos, marcar os acentos em filas de bancos ou nos ônibus, ou marcar o caixa do supermercado para assegurar a vaga do idoso? Numa sociedade em que as pessoas reconhecessem o idoso em suas demandas e direitos, essa “marcação” não seria necessária. Os jovens, gentilmente cederiam os seus lugares aos mais velhos.

Outro dado sintomático e evidente do descaso para com a pessoa idosa é o alto número de velhos internados, por suas famílias, em asilos, como nos relatam os dados da pesquisa realizada por Araújo, Souza e Faro (2010, p. 253):

No recenseamento brasileiro de 2000, 113 mil idosos moravam em domicílios coletivos. Desse total, estimou-se em 107 mil o número de idosos residentes em ILPI, o que significa 0,8% da população idosa. (...) Segundo o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome

(MDS), responsável pela política de cuidados de longa duração no Brasil, em 2005 a União financiou 1.146 instituições para 24.859 idosos.

O dado nos revela que 24.859 idosos viviam em abrigos em 2005. Vale destacar que este número de idosos abrigados se dá num contexto de escassez de Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI) no Brasil, pois, segundo dados do Perfil dos Municípios Brasileiros (IBGE, 2009), apenas 20,6% desses municípios oferecem esta modalidade de assistência à pessoa idosa.

Uma apreciação mais acurada dos dados acima sugere que este número de idosos abrigados seria bem maior se houvesse a oferta do serviço na totalidade dos municípios brasileiros e revela, também, que o Estado já encontra dificuldades de atender esta população. O próprio Estado brasileiro legisla – através do Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003), em seu artigo terceiro – que:

É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do poder público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. (p.9, grifos nossos).

A despeito da compreensão e da formalização de que a família se constitui a primeira e a principal instância social responsável pelo idoso, muitas vezes, é exatamente esta instituição que pratica o detrato e a exclusão de seu velho (MENDES, 2012). O internamento de idosos em plenas condições de se manter em convivência familiar e comunitária é, portanto, a mais forte expressão desta exclusão.

A nosso ver, o quadro de exclusão, descaso, maus-tratos, preconceitos etc. comentado em nossa pesquisa só poderia ser modificado se houvesse uma revisão nos valores intrínsecos à representação² que a sociedade tem da velhice, a começar pela percepção que a família tem de seu idoso, de modo a contribuir para a proteção e a inclusão da pessoa idosa na família, no mercado de trabalho e em todas as demais esferas sociais, além de uma melhor relação entre jovens e idosos, conforme propõe Bruno (2010, p. 76):

É necessário deflagrar uma revolução social e cultural que possibilite, de um lado, a efetivação de políticas públicas que respondam às

² Neste trabalho, entendemos por “representação” a concepção que a sociedade, a família, a literatura e, mais especificamente, o poeta que versa para a criança tem do idoso.

necessidades do segmento, e, de outro, tão importante quando, o investimento da mudança da percepção que a comunidade familiar e social tem sobre o envelhecimento e a velhice, provocando o rompimento dos mitos e preconceitos que, ainda hoje, são os maiores responsáveis pela exclusão do segmento idoso.

Neste sentido, torna-se claro que somente as leis não são suficientes para a garantia do bem-estar, direitos, cidadania e inclusão deste segmento. É necessário que haja uma representação diferente do velho para que a sociedade o perceba e o trate de maneira menos preconceituosa e excludente.

Ora, se já identificamos a família como a primeira instância responsável pelo idoso e se, por outro lado, esta mesma família é responsável pela socialização e formação psicossocial dos homens, nosso pressuposto é de que a construção de uma representação mais valorativa da pessoa idosa deve começar no seio familiar e dirigir-se, prioritariamente, aos seus infantes, posto que é nesta fase da vida em que os conceitos começam a ser construídos no imaginário de cada pessoa.

1.2 A representação do idoso na Literatura

Cabe agora afirmar que a exclusão e o preconceito, discutidos neste capítulo, contra o idoso e sobre os quais nos posicionamos contrários, também se estende à literatura.

Na literatura infantil, especificamente, temos por vezes a reprodução de um perfil de velho ranzinza e “reclamão”, que é caricaturado em personagens de diversos gêneros, como os contos de fada, desenhos animados, gibis etc., a exemplo do Tio Patinhas, personagem idoso e ranzinza que, segundo Mendes (2012), é mal-humorado e se incomoda com a juventude e alegria alheias.

A representação do idoso mal-humorado e ranzinza, na literatura, pode ser tomada como uma verdade pela criança. Ela pode generalizar esse perfil a todos os idosos. É por isto que, na infância, a transmissão dessa representação pejorativa do idoso é ainda mais preocupante, pois é durante essa fase que conceitos e valores estão sendo construídos na percepção e no imaginário da criança, contribuindo para posturas e ações preconceituosas no decorrer de toda sua vida e contrariando o caráter humanizador da literatura.

Por outro lado, há também, na literatura infantil, a reprodução de uma imagem dignificante do velho, a exemplo dos personagens *Gepeto* (da obra *Pinóquio*, de Carlo Collodi) e *Dona Benta* (da obra "*A menina do narizinho arrebitado*", de Monteiro Lobato).

Em ambas as obras citadas, os personagens idosos são descritos respeitosamente como pessoas experientes e sábias. Nas tramas, as relações criadas entre os jovens e os idosos são relações "saudáveis", nas quais o amor, o respeito e o cuidado são a fórmula para a boa convivência entre as gerações. Acreditamos ser este o tipo de representação que, quando levado às crianças, através da literatura, contribui para a sua sensibilização.

A Poesia Infantil, objeto de estudo desta pesquisa, ao passo que traz representações do velho em seus versos, pode ajudar a criança na formação de conceitos positivos sobre esse público ou reforçar uma imagem negativa. Por este motivo, entendemos que a Poesia deve ser estudada, analisada e selecionada antes de ser entregue à criança, para que literaturas que representam o velho de maneira equivocada não reforcem para esse público uma imagem preconceituosa e negativa da pessoa idosa, que, por sua vez, pode se desdobrar em comportamentos de desvalorização e de exclusão dos velhos.

Nesse sentido, o poema que traz uma representação positiva do idoso permite à criança olhar para a pessoa idosa de maneira também positiva e, por isso, contribui para ações e posturas valorativas desse público.

CAPÍTULO 2: Poesia para crianças

Este segundo capítulo traz reflexões acerca da natureza do universo infantil, destacando, numa perspectiva histórica, as concepções do que vem a ser a criança. Além disto, discutimos ainda as especificidades da poesia destinada ao infante, bem como as características que qualificam determinado poema como “adequado” a esse público.

2.1 Ser criança: concepções históricas

Até o século XVII, as crianças compartilhavam com os seus pais e demais adultos os mesmos espaços, deveres, trabalhos, responsabilidades etc. Elas eram concebidas pela sociedade da época como réplicas menores dos adultos, nada lhes era poupado:

não haveria propriamente uma infância no sentido que conhecemos. (...) as crianças, vistas como adultos em miniatura, participavam, desde a mais tenra idade, da vida adulta. Não havendo livros, nem histórias dirigidas especificamente a elas, não existiria nada que pudesse ser chamado de literatura infantil (AZEVEDO, 2001, p.1)

Como afirma Azevedo (2001), não havia para as crianças uma literatura destinada a esse público, específica a ele. As crianças, além de participarem de todas as atividades que envolviam os seus pais, compartilhavam também as histórias – repletas de aventuras, imagens e temas fortes – contadas para os adultos em praças públicas.

A partir do final do século XVII e início do século XVIII, época da reorganização da educação e da fundação do sistema educacional burguês (AZEVEDO, 2001), na Europa, “o universo infantil passou a ser melhor estudado e chegou-se à conclusão que estas crianças mereciam especial cuidado, visto que estavam em um processo frágil de crescimento, amadurecimento e formação” (RIBEIRO, SILVA & MESSIAS, 2012, p. 6).

Nesse sentido, a criança ocupa um lugar diferente daquele habitado pelos adultos, como afirma Narodowski apud Castro (2001, s.n.p.):

A infância deixa de ocupar seu lugar de resíduo da vida comunitária, como parte de um grande corpo coletivo. Agora a criança começa a ser percebida como um ser inacabado, carente e, portanto, individualizado,

produto de um recorte que conhece nela a necessidade de resguardo e proteção.

Esse cuidado e proteção para com as crianças, no dia-a-dia, estendem-se também às leituras levadas a ela. Na literatura, particularmente, passa-se a produzir textos adequados, especificamente para a criança que, segundo os estudos da época, necessitava ser poupada de histórias que viessem a lhe traumatizar ou deturpar o seu crescimento, amadurecimento ou formação enquanto pessoa e ser-social.

Contudo, com a reorganização da educação burguesa e com a nova concepção de “criança”, os textos infantis caem no conservadorismo e no didatismo, servindo de manuais de comportamentos e atitudes a serem seguidos, com a pura e única intenção de disseminar e consolidar ideologias entre as crianças leitoras, primando o ensino das boas maneiras e esquecendo-se do aspecto artístico e estético que deve ser inerente a toda e qualquer literatura.

Aguiar (2001, p. 24), ao discorrer sobre a história da literatura infantil em seu capítulo “Percorrendo a história”, afirma que:

Durante muito tempo, as obras infantis serviram principalmente a esse propósito e só aos poucos deixaram de lado o pedagogismo e o moralismo para conquistar o seu status artístico. (AGUIAR, 2001, p. 24)

Somente séculos mais tarde, na contemporaneidade, é que a concepção de “criança” vem a ser reformulada. A criança passou, há pouco tempo, a ser concebida não mais como um ser infantilizado – e também inerte, bobo, incapaz – que deva ser poupada de qualquer preocupação ou sofrimento, mas como um “futuro adulto”, ser atuante na – e, logo, influenciador da – sociedade. É isso que aponta Castro (2007, s.n.p.) em seu artigo intitulado “Noção de criança e infância”:

Os estudos contemporâneos, nos quais podemos citar os realizados pela sociologia da infância, trazem como tese principal o fato de que as crianças participam coletivamente na sociedade e são dela sujeitos ativos e não meramente passivos. Ou seja, trazem uma proposta de estudar a infância por si própria, rompendo com o adultocentrismo, entendendo a criança como um ser social e histórico, produtora de cultura.

Isto é, nos dias atuais, percebemos a criança que, embora esteja em um processo de amadurecimento, construção e identificação do próprio “eu” (caráter/índole) e do mundo

em que vive (enquanto ser-social, participativa da sociedade), embora mais frágil e mais carente de cuidado e proteção que o adulto, deve ser tratada como um ser ativo e capaz.

As experiências de vida enquanto criança, incluindo a literária, podem influenciar certas escolhas e ações, durante o seu amadurecimento e quando pessoa adulta, e conseqüentemente ajudar na formação da sua identidade enquanto ser-humano e ser-social.

É com essa concepção da criança que a literatura contemporânea e, mais especificamente a Poesia Infantil, produz textos para os infantes, levando em consideração que:

O universo da infância é de fato uma esfera separada da vida adulta, que a constitui, mas tem sua própria especificidade, e a poesia que a ele é endereçada deixa transparecer essa diferença (BORDINI, 2003, p. 69)

As palavras de Bordini nos fazem concluir que “Para se escrever ao público infantil [...] é necessário antes conhecer a criança em suas características de desenvolvimento e pensamento, distinguindo os interesses dos adultos dos interesses infantis” (ROSA, 2009, p.26). Logo, entendemos que o poema dirigido à criança requer, por parte de quem versa, o (re)conhecimento da natureza da atmosfera infantil, então esse mesmo texto, produto de suas idéias, trará peculiaridades que o tornam adequado à leitura do infante, o que é atestado nas palavras de Valente (2010, p. 103):

No caso da poesia voltada ao público infantil, a tradição da lírica vem ao encontro das especificidades do termo “infantil”, o que implica acrescentar ao vasto universo da poesia elementos peculiares ao público por ela focados.

A recorrência dessas especificidades, além de respeitar os limites e o universo do infante, acaba por divertir, encantar e humanizar o leitor à medida que o apresenta a situações/ações/realidades que ainda não foram vividas por ele, dando-lhe a oportunidade de habitar mundos diferentes e experimentar novas situações.

2.2 As peculiaridades da Poesia Infantil

A respeito do caráter humanizador da literatura, Candido (p. 177) chama a atenção para o fato de que, numa produção literária, as palavras organizadas se comunicam ao

nosso espírito e o leva a se organizar, organizando, a posteriori, o mundo, sintetizando a experiência e reduzindo-a a sugestão, norma, conselho ou simples espetáculo mental. Isso acontece também com as formas mais simples da literatura, a exemplo da quadrinha, do provérbio e da história dos bichos. O autor afirma ser esse o primeiro nível humanizador da literatura.

Na literatura infantil, por sua vez, cujo texto é endereçado à criança, tal nível humanizador pode assumir um papel ainda mais importante, visto que o infante experimentará pela primeira vez, através de suas primeiras leituras, a organização do mundo e a “demonstração” das situações. E é por este motivo que o texto dirigido à criança terá características particulares.

O primeiro aspecto peculiar a se perceber nos primeiros versos de qualquer poema para crianças é que seu eu-lírico se diferencia do eu-lírico dos poemas para adultos. No poema infantil, o poeta – que conhece o “ser” criança profundamente – se acriancia e cria um sujeito lírico cujo universo se aproxima o máximo possível do universo da criança-leitora. Essa aproximação permite que o infante se reconheça e se identifique com o eu-lírico, com a situação vivida e, conseqüentemente, com o poema, pois, como defende Aguiar (2001, p. 131):

(...) a poesia infantil só estará plenamente realizada se for capaz de se aproximar do leitor, criar imagens, sons e ritmos que o façam brincar com a linguagem e descobrir novas formas de se relacionar com o mundo.

As inseguranças, os sonhos, os medos, as dúvidas etc. são agora partilhadas entre enunciador e receptor, fazendo com que o infante se sinta protegido. No poema *No último andar*, de Cecília Meireles³, podemos perceber que o eu-lírico se caracteriza como criança e que, enquanto tal, “busca” interação com o seu leitor:

No último andar é mais bonito:
do último andar se vê o mar.
É lá que eu quero morar.

³Cecília Benevides de Carvalho Meireles nasceu no Rio de Janeiro, no dia 7 de novembro de 1901 e faleceu em 9 de novembro de 1964. Foi poetisa, pintora, professora e jornalista brasileira e é considerada uma das vozes líricas mais importantes da literatura, tendo recebido, da Academia Brasileira de Letras, o prêmio Machado de Assis pelo conjunto de sua obra. Seus textos infantis são largamente reconhecidos pela crítica e pelo público.

O último andar é muito longe:
custa-se muito a chegar.
Mas é lá que eu quero morar.

Todo o céu fica a noite inteira
sobre o último andar.
É lá que eu quero morar.

Quando faz lua, no terraço
fica todo o luar.
É lá que eu quero morar.

Os passarinhos lá se escondem,
para ninguém os maltratar:
no último andar.

De lá se avista o mundo inteiro:
tudo parece perto, no ar.
É lá que eu quero morar:

no último andar.

Observamos que este poema, voltado à criança, prima por uma linguagem simples, que se aproxima da linguagem infantil e não cansa e nem entedia o leitor mirim. Observemos que a voz poética (eu-lírico) fala através de uma linguagem sem rebuscamentos, utilizando-se de um vocabulário fácil.

Além disso, o poema é repleto de paralelismos, a se perceber pelos versos *último andar* e *é lá que eu quero morar*, insistentemente repetidos (insistência essa típica do discurso infantil); rimas em todas as estrofes, sempre entre o 2º e 3º versos; e uma métrica que garante o ritmo e a musicalidade do poema, aspecto que geralmente atrai a criança; elementos da natureza que, dentro e fora do poema, encantam qualquer infante; etc.

Todas essas características demonstram a preocupação da poetisa em não cansar a criança; de aproximar a linguagem pronunciada pelo eu-lírico da linguagem própria do infante; e de fazer com que ele se identifique com o eu-lírico e se reconheça no poema, partilhando o encantamento e o desejo (comum a muitas crianças) de morar no último andar: mais alto, mais bonito, mais encantador.

É, portanto, através do eu-lírico que a linguagem poética é enunciada e, tendo em vista a especificidade de seu destinatário, a poesia infantil contemporânea tem primado por uma linguagem simples e acessível à criança, através de estrofes e versos curtos; jogos de

palavras, rimas, ritmo, som e musicalidade; ludicidade, humor e riso; imagens e fantasia; surpresas; animismo e jogos dramáticos; temas de interesse (ou não) da criança; etc., como concordam os críticos da poesia para crianças Bordini (1986), Mello (1995), Aguiar (2001), Silva (2010) e Pinheiro (2010).

A brincadeira é, senão o maior, um dos maiores prazeres entre a criança. É comum ver uma criança brincando, seja em casa, no setor de brinquedos de um supermercado, em uma fila do banco ou até mesmo em uma consulta médica. A brincadeira, aliada à imitação do mundo que se vive ou à invenção de outros mundos, acompanha a criança em vários anos de seu crescimento e tem significado diferente, na vida da criança, do que tem para o adulto.

Para a pessoa adulta, a brincadeira é apenas uma forma de escapar das responsabilidades e divertir-se. Para a criança, por sua vez, a brincadeira adquire um significado diferente, assume um papel formador, pois é por meio dela que a criança transforma, inventa, cria e descobre mais e mais possibilidades de ser (RIBEIRO, 2010), além de que “o lúdico, a brincadeira, muitas vezes deixa entrever o desejo de um mundo mais harmonioso, menos mecânico (...)”, segundo Pinheiro (2010, p.247)

Ciente de tais assertivas, o poeta sagaz que versa para a criança fará de seu poema um “brinquedo” para ela. Tal faceta só é possível através da linguagem, para torná-la divertida, o poeta se utiliza, então, de vários artifícios. Os jogos de palavras, as rimas, o ritmo, a musicalidade e a ludicidade são alguns deles.

Galo

É galo mas não é ave.
Não tem bico nem avoa.
Mas canta de vez em quando
na cabeça da pessoa.

É galo mas não tem pena
Só canta na hora errada.
Adora dar na cabeça
De quem leva uma pancada!

O poema acima, de Ricardo Azevedo⁴, é um exemplo exato de poema que se torna quase que um brinquedo para a criança. A ludicidade é dos aspectos peculiares da poesia infantil percebidos nesse poema, uma vez que o poeta se utilizou de uma brincadeira popular, a advinha, para compor o texto literário.

O poema não é iniciado pela frequente pergunta *o que é o que é?* e deixa, portanto, a cargo do leitor a descoberta da brincadeira durante a sua leitura, despertando a curiosidade, a imaginação e a criatividade por parte das crianças, além de trazer a resposta da advinha como uma surpresa, outro aspecto peculiar da poesia infantil, ao leitor mirim.

Pinheiro (2007, p. 60) afirma que poemas como esse, “devem ter nascido da observação do brincar das crianças, do modo como elas se transformam em personagens, como atuam concreta ou imaginariamente sobre a realidade”. Torna-se claro que Azevedo conhece a fundo o universo infantil, percebe que o lúdico encanta a criança e utiliza-se disso nos versos de seu poema para conquistar o público.

Curto, o poema é ainda repleto de rimas e ritmo demarcados que, segundo Aguiar (2001, p.111), “é um auxiliar para a memória e faz com que o sujeito retenha certas imagens sem esforço” e que, além disso, garante a musicalidade do poema, outro aspecto peculiar da poesia infantil que chama a atenção e diverte a criança. Tal aspecto pode ser também percebido no poema a seguir, *A casa*, de Vinicius de Moraes⁵:

A casa

Era uma casa
muito engraçada
não tinha teto,
não tinha nada
ninguém podia
entrar nela não
porque na casa
não tinha chão
Ninguém podia
dormir na rede

⁴Ricardo José Duff Azevedo, nascido em São Paulo em 1949, é mestre em Letras e doutor em Teoria Literária pela Universidade de São Paulo. É também escritor, poeta, ilustrador e pesquisador brasileiro. Já publicou mais de cem livros infantis. Seus livros já receberam cinco prêmios Jabuti e um prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA)

⁵Vinicius de Moraes nasceu no Rio de Janeiro em 19 de outubro de 1913 e faleceu na mesma cidade em 9 de julho de 1980. Foi um diplomata, dramaturgo, jornalista, poeta e compositor brasileiro. Para crianças, escreveu *A arca de Noé*, livro de poemas infantis aclamado pela crítica e um dos mais populares de autoria do poeta.

Porque na casa
não tinha parede.
Ninguém podia
fazer pipi
porque penico
não tinha ali
mas era feita
com muito esmero
na rua dos bobos,
número zero

Segundo Bordini (1986, p. 23), “a evidência sonora da poesia (...) ocupa a linha de frente quando o texto se destina à criança (...)”. Essa afirmação se comprova ao sabermos da existência de tantos textos poéticos que, dado o seu caráter melódico, acabam sendo musicados e atraem a criança. É o aconteceu, por exemplo, com o poema que acabamos de ler. Musicado por Toquinho, *A casa*, de Vinícius de Moraes, é um dos poemas mais conhecidos e cantados entre os pequenos.

Nos questionamos, entretanto, se o poema é conhecido enquanto tal ou enquanto música, sobretudo entre as crianças. Apesar de existir a dúvida e de não podermos afirmar categoricamente, desconfiamos que a segunda alternativa seja a mais provável e o nosso palpite é que isso acontece devido ao encanto das crianças frente à musicalidade.

Não queremos afirmar com isso que a música está acima da poesia, mas que, quando destinada ao público infantil, o poema que possui musicalidade poderá ser ainda mais apreciado pelas crianças, já que “A música pode se ‘converter em recurso para apreciação da literatura’” (BORDINI, 1986, apud PINHEIRO, 2007, p. 69).

Porém, segundo Bordini (1986, p. 26):

Nem só de efeitos auditivos se faz o poema. (...) O processo de apreensão do outro se inicia pelos órgãos sensoriais (mais dependentes do contato (gosto, tato) e se estende aos distanciadores (olfato, audição e visão). Estes últimos, em especial a visão, comandam a apropriação intelectual da realidade e seu apuramento possibilita a autodeterminação no espaço físico e depois no social.

A visão, entendida como um dos sentidos mais importantes para a percepção e apropriação da realidade, é estimulada, na criança, por outro aspecto peculiar da poesia infantil contemporânea a ser aqui comentada: a imagem.

Ainda segundo a autora estudada, “a imagética (...) é a vereda poética de desvelamento das aparências sensoriais”, em outras palavras, é a leitura das imagens que permite a criança imaginar, visualizar e, por fim, perceber sentidos.

No poema *A casa*, tal aspecto também pode ser verificado. Apesar de o objeto “casa”, do qual principalmente versa o poema, estar sendo desconstruído – até a surpresa de sua inexistência nos versos finais – assim como todas as ações relacionadas a ela, é possível visualizar, através da leitura das imagens, a casa, as ações que nela não podem ser realizadas e até mesmo a rua em que ela (não) existe.

As imagens, que são também desconstruídas gradualmente, assim como a casa, ajudam na construção de sentido do poema e, conseqüentemente, da realidade. Isso porque elas permitem no início do mesmo, a visualização de um todo existente e, no final, de um todo inexistente.

Para a criança, é interessante, como afirma Aguiar (2001), que as imagens trazidas sejam simples, possíveis no imaginário e compreensão infantis, pois, deste modo, permitem a elaboração da síntese dos sentidos do poema. Assim como em *A casa*, no poema *Pagando mico*, de Marcelo R. L. Oliveira⁶, a seguir, tem-se a presença de imagens simples, que estimulam a imaginação da criança leitora:

O cabeleireiro dos bichos
– macacos me mordam! – é o pato.
Hoje ele vai pentear macacos
que querem ser micos de circo.
Vai pagar mico, de fato,
pois macaco não tem dinheiro
e não há quem pague o pato.

O poeta que reconhece o universo infantil se utiliza, intencionalmente, de aspectos que chamam a atenção da criança para compor o seu poema. Assim o fez Oliveira ao optar por trazer à sua composição ditos populares – como “macacos me mordam”, “pagar mico” e “pague o pato” – que contemplam a presença de animais. O poeta conseguiu em um só poema, trazer a cultura popular e o tema dos bichos, tão queridos pelas crianças.

⁶Marcelo R. L. Oliveira nasceu em 1960, em Ituiutaba, Minas Gerais. É professor do Departamento de Química da Universidade Federal de Viçosa e também autor de vários livros literários. Em 1998 foi o vencedor do VIII Prêmio Henriqueta Lisboa de literatura infantil, patrocinado pelo Governo do Estado de Minas Gerais com os originais de *Nós e os bichos*.

No poema em questão, observamos que os bichos, o macaco e o pato, adquirem ações humanas: o pato tem uma profissão, é cabeleireiro e penteia o cabelo dos macacos, que por sua vez, querem trabalhar no circo. Os patos vão “pagar mico”, expressão popular que quer dizer “passar vergonha”, porque os macacos não têm dinheiro para “pagar o pato”, expressão que quer dizer “levar a culpa por algo que não cometeu”, mas que adquire o seu sentido literal no poema, de pagamento de dívida.

Essas ações humanas adquiridas por animais se caracterizam, no poema infantil, como animismo, peculiaridade da poesia para crianças que diverte o leitor, e dá margem para a apreciação de outra: o jogo dramático (JD).

O JD nada mais é do que a brincadeira fora do poema que, como afirma Slade *apud* Pinheiro (2010, p. 47) “é uma forma de arte por direito próprio, não é uma atividade inventada por alguém, mas sim um comportamento real dos seres humanos”, em outras palavras, ainda que o JD seja uma atividade por vezes fantasiosa, ele permite que o infante experimente determinadas situações através de ações e vivências que ainda não foram vividas pela criança leitora, preparando o infante para essas situações, além de diverti-lo frente à ludicidade do JD e de alimentar a sua fantasia.

“O JD é [...] a maneira da criança pensar, comprovar, relaxar, trabalhar, lembrar, ousar, experimentar, criar e absorver. O jogo é na verdade a vida” (SLADE *apud* PINHEIRO, 2010, p. 48). Portanto, o jogo é possível durante a leitura do poema acima, uma vez que as crianças podem atuar como os animais trazidos – elas podem ser patos cabeleireiros, macacos que trabalham em circos ou o que a realidade permite ou não permite – partindo para, além da leitura do poema, a “encenação” das ações descritas.

É preciso destacar que, como vimos, são muitas as peculiaridades da Poesia Infantil. Quando acontecidas nos versos de poemas, elas acarretam em outras, acrescentam à qualidade literária dos poemas e podem contribuir para a humanização das crianças leitoras durante e após a experiência literária. Entretanto, chamamos a atenção para o fato de que não é obrigatório, para o sucesso do poema no que diz respeito ao seu caráter humanizador, que exista em seus versos todas essas particularidades.

Cada poema infantil pode assumir uns e outros aspectos, levando o poema a resultados e efeitos diferentes. Como numa receita de bolo, o cozinheiro/poeta acrescenta os ingredientes/peculiaridades que resultam em diferentes gostos/efeitos em seu apreciador/leitor. Os ingredientes/peculiaridades “certos” podem levar o poema à

diferentes caminhos e à apreciação estética, temática e à humanização (ou não) do seu leitor.

CAPÍTULO 3: A representação do idoso na Poesia Infantil: alguns exemplos

Neste capítulo analisaremos os poemas previamente selecionados, de modo a constatar a maneira que o idoso é representado à criança. Observaremos, para tanto, as características físicas e o perfil do idoso retratado em tais poemas (quando houver tal caracterização); identificaremos que tipo de relação intergeracional existe entre o idoso e a criança e descreveremos como é construída (quando houver tal interação); e investigaremos se os poemas infantis analisados sugerem à criança o respeito e o cuidado com os idosos.

3.1 Há séculos atrás...

Quem nunca leu ao menos uma história infantil em que o personagem vilão é descrito como alguém de aparência velha e feia e cujas ações são más?

Quem nunca leu a historinha de *Joãozinho e Maria*, um clássico da literatura infantil, no qual uma velhinha feia e má rapta criancinhas – que inocentemente adentram em sua casa feita de doces – para comê-las no jantar?

Quem nunca leu *Cinderela* ou *Branca de Neve*, também clássicos da literatura infantil, em que madrastas velhas e feias invejam a beleza e a felicidade alheias?

Esse tipo de literatura, publicado há séculos, quando não adaptado à leitura das crianças menores, pode acabar por promover nas crianças o medo⁷, o preconceito, o descaso, o desrespeito e o desamor para com as pessoas idosas. Explicaremos, nas próximas linhas deste trabalho, o porquê.

Primeiramente, cabe atentarmos para o fato de que, quando foram publicados, entre os séculos XVII e XVIII, a divulgação desses clássicos para o público infantil se justificava em razão de a sociedade desconhecer a criança como um ser frágil, em fase de desenvolvimento, de descoberta e identificação do seu próprio “eu” e do mundo que a cerca. Não compreendíamos ainda o universo infantil e concebíamos a criança apenas como um “adulto em miniatura”.

⁷O medo pode ser compreendido um sentimento positivo, à medida que, sentido pela criança, a resguarda de certos perigos. Porém, a nosso ver, o medo, quando advindo do preconceito, pode causar o efeito contrário: impossibilitar sua humanização.

Hoje, ao estarmos cientes de tais assertivas, é inaceitável a propagação de literaturas que desconsiderem a fragilidade do universo infantil.

Quando adaptadas responsabilmente, tendo-se o cuidado para não infantilizar ou didatizar os textos, os clássicos sofrem algumas alterações no tratamento dos temas, em seu enredo, na caracterização dos personagens, nas falas etc. a fim de se adequarem às exigências do público a que se destinam. Entretanto, é comum lermos para nossas crianças, em internet e livros infantis sem qualidade literária, histórias e poemas que desconsideram essa nova concepção da natureza da criança e, por isso, suscitam o medo, o preconceito, o descaso, o desrespeito e o desamor – dos quais já falamos – sobretudo para com as pessoas idosas.

A caracterização física de personagens/figuras, nesse tipo de literatura, não é feita de forma aleatória pelo seu autor/poeta, muito pelo contrário, essa caracterização é sempre representativa da índole e dos sentimentos que tais personagens/figuras guardam em seu interior. Isto é, no caso das histórias como as que citamos anteriormente, se é verdade que a aparência de determinado personagem/eu-lírico é velha ou feia, seu caráter, seus sentimentos, sua personalidade, sua índole, suas intenções e suas ações na trama de uma narrativa ou nos versos de um poema também serão, necessariamente, velhos e feios.

Desse modo, ao ler literaturas que fazem dessa premissa uma verdade, a criança pode acabar assimilando a assertiva, implicitamente intrínseca ao texto lido, de que o que é (ou quem é) velho não merece atenção, pois será sempre feio, mau e perigoso.

Por essa razão, esse tipo de literatura acaba por contrariar o próprio caráter humanizador – que a literatura pode oferecer ao seu leitor, mediante a experiência literária – na medida em que dissemina, entre as crianças leitoras, o medo, o preconceito, o descaso, o desrespeito e o desamor para com a terceira idade.

3.2 Nos dias atuais...

A tendência, citada no tópico anterior, em representar o velho negativamente, persiste em textos literários atuais, nos quais o escritor desconhece – ou não reconhece – os estudos e a concepção atual de “criança”, bem como os danos que essa representação negativa do

idoso pode trazer à humanização da criança leitora. É o que acontece com a representação do velho na narrativa contemporânea *Clock, o relóginho solitário*⁸, de Radyr Gonçalves⁹:

Clock era um relóginho despertador que morava numa cômoda em um quarto de um velho solitário.
Solitário e ranzinza.
Clock era só.
Assim como o velho.
Clock não tinha com quem tri-rin-tin-tim!
Clock era só.
Não tinha amigos, não tinha vizinhos...
Não tinha amigos por nome de Plock, Block e Rocketeer
Clock era apenas só...
Ele ficava de olhos arregalados espiando os astros que cintilavam nas negras noites de um cotidiano infindo.
Clock era só.
Sonhava em ser útil.
Sonhava ouvir alguém pronunciar seu nome: – Clock!
Sonhava em ter amigos por nome de Plock, Block e Rocketeer.
Clock era só.
Sem Plock, sem Block e, sem Rocketeer.
Clock era um relóginho comum que o velho ranzinza ganhou num sorteio.
O velho nunca dera importância ao relóginho despertador...
Que numa fria manhã de inverno marcou as horas da sua morte: 9:30
E Clock nem sentiu a morte do velho ranzinza.
Clock sempre estivera só...preso naquela cômoda empoeirada.
Sem mimos, sem carinho, sem atenção nenhuma.
Sem Plock, sem Block e, sem Rocketeer.
Minutos foram, minutos vieram.
Horas foram, horas vieram.
E numa manhã quente de verão o coraçãozinho de Clock parou.
Precisamente ao meio dia.
E ali naquela triste e empoeirada cômoda morreu...
Com o tempo se desfez em ferrugem...pó.
Sem ninguém para prantear...
Sem ninguém pra deixar saudades...
Sem ninguém para tocar o último trim...
Sem parentes nem aderentes.
Sem Plock, sem Block e, sem Rocketeer... que nunca existiram.

Antes de analisarmos o texto, é importante destacar que o seu autor, Radyr Gonçalves, o classifica como poema. Porém, acreditamos tratar-se de uma narrativa disposta em

⁸O texto foi retirado do blog *O poder da Poesia de Radyr Gonçalves*, disponível em: <http://theworldofradyrgoncalves.wordpress.com/>.

⁹Radyr Gonçalves, nascido em Brasília, é escritor, poeta, contista e publicitário.

versos, uma vez que o texto não traz as características próprias do poema que, segundo Goldstain (2008), se define por um texto composto por estrofes, marcado por recursos sonoros e rítmicos e cuja composição sugere associações entre expressões ou palavras posicionadas estrategicamente no texto.

Como podemos atestar através da leitura, no texto de Rádyr os recursos sonoros e rítmicos são utilizados de maneira limitada. Desta forma, conceberemos o texto, doravante, como uma narrativa disposta em versos.

Partindo, então, para a análise do texto, observamos que os versos *Clock era um relóginho comum que o velho ranzinza ganhou num sorteio./ O velho nunca dera importância ao relóginho despertador...* nos mostra que o narrador relaciona “velho” à “ranzinza”, adjetivação já pejorativa e utilizada diversas vezes, e “velho ranzinza” à ação maldosa de não dar importância, atenção e carinho ao relóginho. O velho, além de ser descrito como ranzinza, tem perfil “insensível”.

A criança-leitora poderá, então, automaticamente, assimilar essa descrição negativa e generalizá-la em sua vida: todo velho é ranzinza e todo velho ranzinza não dá atenção a quem merece e tanto fez por ele.

Nos versos seguintes, *Que numa fria manhã de inverno marcou as horas da sua morte: 9:30/ E Clock nem sentiu a morte do velho ranzinza*, comprovamos a nossa análise, ao passo que o narrador sugere um “castigo” ao velho: o relóginho marca a hora da sua morte e nem mesmo entra em luto. Essa “lição” não deve ser passada à criança, pois ela alimenta o sentimento de vingança, o que não lhe é saudável e nem contribui para a sua humanização.

Além disso, o poema é finalizado em um tom triste, no qual a solidão toma conta do relóginho, tal fato provoca a tristeza também na criança leitora.

Não queremos com isso, entretanto, promover uma poesia (sobretudo quando se trata da Poesia Infantil, cuja faceta é sensibilizar e encantar) moralizante, pois esse tipo de texto didatizador – que por serem diretivos e proibitivos, têm grandes chances de não serem uma boa poesia – pode entediar a criança (ABROMOVICH, 1997) e até emburrecê-la, quando cai no moralismo que sobrepõe valores à qualidade estética do texto (PINHEIRO, 2007).

Acreditamos que ela – a literatura infantil – pode apresentar caminhos que busquem orientar o seu leitor diante dos impasses da vida de forma saudável, contribuindo para o seu amadurecimento enquanto ser-humano e ser-social. Assim deve acontecer também

para os poemas que tocam de alguma maneira na questão do envelhecimento. Preconceito, desrespeito, desamor e descaso com relação ao outro definitivamente não são atitudes que, estimuladas, contribuam para o referido amadurecimento e, assim sendo, não devem ser sugeridas ao infante através da Poesia Infantil ou em quaisquer outros gêneros cujo público-leitor seja a criança.

E então nos questionamos: como deve ser a representação do idoso em poesia para crianças? Deve-se esconder as condições físicas desgastadas pelo tempo – a pele flácida, as rugas, os cabelos brancos ou a falta de alguns dentes – bem como as más condições de saúde – esquecimento, falta de habilidade para trabalhos minuciosos, indisposição para trabalhos árduos ou a lentidão – que inevitavelmente acometem a grande maioria das pessoas na terceira idade?

Obviamente, a nossa resposta é negativa. Esperamos que o poeta verse para a criança sobre o processo do envelhecimento humano, o idoso e as suas características tal qual o são. É preciso, para tanto, a sensibilidade literária e o bom senso: nem se deve “esconder o jogo” em torno da realidade que circunda a velhice e nem, muito menos, traumatizar a criança, fazendo-a sofrer diante de certos temas e questões que envolvem essa realidade.

A nossa experiência com a Poesia Infantil nos fez atentar para algumas características recorrentes que fazem do poema que versa sobre o envelhecimento adequado à criança. Tais características serão explicitadas e exemplificadas nos próximos parágrafos do nosso trabalho a partir da análise de poemas infantis que toquem de alguma forma na questão do idoso.

Discutimos no capítulo anterior a situação do idoso no Brasil. Vimos também que o processo de envelhecimento é comum a todas as gentes e que deve ser encarado com respeito e tranquilidade pelas pessoas, como um processo natural da vida.

Também assim deve-se aos poemas infantis que versam sobre o assunto: a primeira das características que fazem com que o poema seja adequado à criança é o reconhecimento, aceitação e o respeito por parte do eu-lírico com relação à “natureza” da terceira idade. Ele discorre sobre uma velhice que não é desrespeitada em seus versos, que não amedronta, que é natural e comum a todos. É o que podemos perceber nos versos de *Casa de avó*, de Roseana Murray¹⁰:

¹⁰Roseana Murray nasceu no Rio de Janeiro em 27 de junho de 1950, é uma poetisa e escritora de obras infanto-juvenis brasileira. Publicou mais de cinquenta livros para esse público e recebeu por três vezes o

Casa de avó
é navio pirata
em alto-mar,
estrela cadente
para sempre no ar.

Avó tem um pouco
de fada, um pouco
de árvore encantada.

Quando a avó anda,
o mundo inteiro balança,
e uma onda de amor
varre quem está junto dela.

Dentro da casa da avó,
todos os caminhos vão dar
no país do luar

O poema tem como principal artimanha a fantasia, que é provocada através de imagens (*é navio pirata/ em alto-mar,/ estrela cadente/ para sempre no ar*). Essas imagens convidam o leitor a imaginar cada cena retratada, ao mesmo tempo em que comparam a casa da avó e a figura idosa a elementos da natureza (que chamam muito a atenção da criança) e até mesmo elementos e figuras sobrenaturais, mágicas (*Avó tem um pouco/ de fada, um pouco/ de árvore encantada*) na tentativa de persuadir o leitor e fazê-lo notar o quanto é bom ter avó e estar em sua casa.

O respeito, o carinho e o encantamento frente à figura da avó são inegáveis neste poema.

A primeira característica que faz com que o poema seja adequado à criança gera, por conseguinte, a segunda: a descrição física e a descrição do perfil do idoso, abarcadas por esses poemas, também serão, essencialmente, respeitadas, assim como as figuras envolvidas nas relações pessoais e intergeracionais¹¹ também se respeitarão entre si,

Prêmio de Melhor de Poesia pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, um troféu da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) e o Prêmio da Academia Brasileira de Letras de melhor livro infantil.

¹¹Entendemos por **relações intergeracionais** os vínculos que se estabelecem entre duas ou mais pessoas de idades distintas e em diferentes estádios de desenvolvimento, possibilitando um cruzamento de experiências que enriquece a relação e motiva a continuidade da mesma.

tratando uns aos outros com carinho, como é o caso das estrofes do poema infantil *Os óculos da vovó*, de Dom Marcos Barbosa¹²:

— Como acabar meu tricô,
como assistir a novela,
se esses óculos benditos
me somem sem mais aquela?

Vovó, procurando os óculos,
vai do quarto para a sala
e de novo volta ao quarto,
sem ninguém para ajudá-la.

E até parece que os netos
estão a se divertir,
pois mesmo seu predileto
faz força para não rir.

Deve saber onde estão,
porque lhe diz o malvado:
— Já está ficando quente
seu chicotinho queimado!

E o diz quando está no quarto
ou à sala torna a voltar.
— Mas como pode uma coisa
em dois lugares estar?

Em sinal de desespero
leva então as mãos à testa:
ali estão os seus óculos
e tudo vira uma festa

Neste poema infantil, o poeta retrata, de forma divertida, uma situação bastante recorrente às pessoas idosas: o esquecimento.

É natural que tenhamos, durante o dia-a-dia, pequenos lapsos de memória que se acentuam ao passar dos anos, na medida em que ficamos mais velhos. Nesse sentido, a frequência de situações como essa, retratada no poema, aumenta na terceira idade, sendo comum aos idosos não lembrar o que comeram no café da manhã, se já tomaram ou não o

¹²Dom Marcos Barbosa nasceu em Minas Gerais, em 12 de setembro de 1915, e faleceu no Rio de Janeiro, em 5 de março de 1997. Foi um monge beneditino brasileiro e padre católico, escritor, poeta e membro da Academia Brasileira de Letras. Escreveu diversos textos para o público infantil e traduziu obras como *O Pequeno Príncipe*, *O Menino do Dedo Verde* e *Marcelino Pão e Vinho*, também para o mesmo público.

seu remédio ou aonde colocaram determinado objeto (como é o caso da velhinha do poema em análise) etc.

A voz poética que inicia a primeira estrofe é a voz da avó:

— Como acabar meu tricô,
como assistir a novela,
se esses óculos benditos
me somem sem mais aquela?

A senhora se pergunta, nessa estrofe, como fazer atividades diárias se para realizá-las precisa enxergar bem, mas os seus óculos sumiram. As atividades citadas pela velhinha são ações comuns e de interesse dessa geração (terceira idade). Entende-se, portanto, que o poeta reconhece essas atividades como típicas na velhice.

A partir da segunda estrofe, uma nova voz poética surge – presente até o último verso do poema –, um eu-lírico que é apenas observador da situação e que revela o espírito infantil dos netos da vovó do poema: a senhora procura os óculos, os netos riem e não a ajudam.

Ao afirmar que (...) *parece que os netos/estão a se divertir,/pois mesmo seu predileto/faz força para não rir*, o eu-lírico provoca a imaginação do leitor: por que será que o neto predileto deseja rir de uma situação tão comum à velhinha? E, na estrofe seguinte, apresenta uma pista: o neto quer rir porque *deve saber onde estão* os óculos.

As ações seguintes demonstram que os netos brincam com a avó de uma brincadeira infantil: *quente ou frio*. A ironia é que, nessa brincadeira, uma criança esconde um objeto e a outra deve encontrar, perguntando se está quente (perto do objeto) ou frio (longe do objeto). Porém devemos observar que, no poema, a brincadeira é iniciada por uma situação real na qual os netos se aproveitam da “falha” da memória da avó para divertirem-se e também para diverti-la.

O esquecimento é interpretado pelos netos (e, conseqüentemente, pelas crianças leitoras desse poema) como uma característica comum às pessoas daquela idade. E, mais que isso, como motivo para a diversão.

Mais uma vez, a poesia, ao mesmo tempo em que diverte e encanta, humaniza a criança, pois o poeta naturaliza em seu poema, a temática do esquecimento. Ele mostra à criança-leitora que esse “problema” é natural aos idosos e não deve ser tratado com indiferença, mas com naturalidade.

Um poema bastante parecido e que abarca o mesmo tema – o do esquecimento na terceira idade – é o poema *A avó*, de Bastos Tigre¹³:

A vovó também é velha,
Franzidinha como quê.
Passa os dias lá na rede,
Entretida no crochê.

Às vezes fica zangada
Com o barulho que faço.
Pega na chinela, eu me rio,
Ela ri e lá vem um abraço.

Um dia virou a casa
Para os óculos achar.
Remexeu canto por canto
E queria me culpar.

Bem que eu sabia de tudo,
Mas aquilo era uma festa,
Pois vovó tinha os óculos
Presos no alto da testa.

Além de também tocar na questão do esquecimento; demonstrar conhecer o universo da criança e também o universo do idoso – uma vez que os retrata em atividades típicas para as idades de cada geração –; disseminar o carinho e cuidado entre as gerações; divertir o leitor etc; este poema de Bastos Tigre retrata ainda, com naturalidade e respeito, as características físicas da idosa citada no poema, o que naturaliza para a criança-leitora a aparência do idoso.

Outra característica que confirma a adequação do poema à leitura da criança é o poeta que se “acriança”, tecendo versos sob a perspectiva do olhar infantil, o que permite ao poeta, no momento da escrita, se colocar no lugar dos infantes, versar sobre questões e temas mais tensos de forma modesta, inocente e instigadora e, conseqüentemente, respeitar os limites da criança, fazendo com que ela apenas se questione e procure as respostas por si

¹³Manuel Bastos Tigre nasceu em Recife, no dia 12 de março de 1882, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1 de agosto de 1957. Foi bibliotecário, jornalista, poeta, compositor, humorista e destacado publicitário brasileiro.

mesmas. No poema *Onde será que ela está?*, no qual uma criança se questiona acerca da morte da avó, o poeta Ricardo Azevedo¹⁴ se apropria muito bem desse mecanismo:

Vovó não está aqui
Ficou doente e foi embora
Às vezes fico pensando
Onde será que ela está
Quando pergunto, me dizem:
— Sua avó está no céu
Gente boa quando morre
Vai diretinho pra lá.

Por isso quando me lembro
Do jeito que ela falava
Do jeito que ela sorria
E me pegava no colo
Vou correndo pra janela
Fico olhando lá pra cima
Procurando pelas nuvens
Perguntando pras estrelas
— **Será que a vovó ta boa?**
— **Será que a vovó ta bem?**
— **Como será que ela está?**
(Grifos nossos)

Mencionamos anteriormente que a ludicidade é um dos aspectos que trazem qualidade literária ao poema cujo público-alvo é a criança. Mas, se esta assertiva é verdadeira, também é verdade que se deve respeitar a atmosfera temática trazida por cada poema.

Este poema, entretanto, não traz ao público-leitor infantil a ludicidade tão presente em poemas para crianças em razão de versar sobre um tema tenso e triste – a morte – que quando levado à criança requer, por parte do poeta, um tratamento diferenciado do que se tem em poemas lúdicos.

A morte é um acontecimento que, como já sabemos, independe da vontade de cada ser. Inevitável, involuntária e irreversível, a morte amedronta os homens, inclusive os adultos, sucede a velhice na imensa maioria dos casos e demarca o fim da vida.

¹⁴Ricardo José Duff Azevedo, nascido em São Paulo em 1949, é mestre em Letras e doutor em Teoria Literária pela Universidade de São Paulo. É também escritor, poeta, ilustrador e pesquisador brasileiro. Já publicou mais de cem livros infantis. Seus livros já receberam cinco prêmios Jabuti e um prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA).

Como dizer então à criança que vovô e vovó “irão pro céu”? Como dizer à criança que mamãe e papai dirão “adeus” um dia? Como dizer à criança que ela mesma e tudo que é hoje vivo não viverá pra sempre e que ela nunca mais verá quem já “se foi”? As respostas para essas perguntas são muitos difíceis e não cabe a nós, no decorrer desta pesquisa, indicar o melhor caminho para tanto. Porém, quando essa conversa acontece através da Poesia Infantil, concordamos que os poemas não podem abordar essa questão de forma dolorosa e traumática.

Assim, compreendemos que a morte deve ser apresentada ao infante como um processo natural da vida, para que ele não se revolte e nem se traumatize diante dessa realidade, durante e após a leitura. Espera-se que o tratamento desse tema em poemas infantis acalente a criança diante da morte de alguém querido (situação já vivenciada por ela) ou preparar a criança para esse provável acontecimento (permitindo que ela experimente, através da sua identificação com o eu-lírico, uma situação ainda não vivenciada):

A aproximação com o tema da morte [...] permite que as crianças possam compreender situações semelhantes pelas quais já tenham passado ou venham encontrar pela frente em sua existência. Assim, o sofrer imaginariamente é uma forma de aprendizagem para os leitores [...]. (MARTHA & ESTEVES, 2010, p.146-147)

No poema *Onde será que ela está?* é incontestável que esse diálogo entre a criança e o tema da morte acontece de uma forma delicada, sutil, inocente até. E como o poeta Ricardo Azevedo consegue tratar de um tema impactante e doloroso de forma tão natural? A resposta nos torna clara quando analisamos os seguintes versos: *Às vezes fico pensando/ Onde será que ela está/ Quando pergunto, me dizem:— Sua avó está no céu.* Observa-se, nesses versos, que o poeta mergulha no universo infantil, coloca-se no lugar da criança (eu-lírico), inocente frente ao tema, e revela-se diante do seu semelhante (criança leitora) – que possui, como ele, as mesmas dúvidas e incertezas diante do assunto tratado. Segundo Silva (2010, p. 231), tal faceta é indispensável ao poeta que versa para a criançada:

Eu diria que é preciso que o poeta se “acriancie”. (...) De fato, o olhar do poeta e o das crianças são muitos semelhantes. É um olhar que busca a singularidade e que poderíamos chamar de inaugural. Nas crianças isso é uma atitude natural, afinal elas estão mesmo inaugurando a vida. No adulto, é uma atitude que precisa ser buscada, é uma volta no tempo. O

poeta é alguém que deliberadamente cultiva o olhar infantil, um olhar permeado de emoção. Este é um ponto-chave. (SILVA, 2010, p. 231)

Portanto, acriançando-se, o poeta evita que a inocência da criança seja usurpada, respeita o seu tempo na descoberta da vida, evitando também que ela se choque ou se traumatize frente a questões tensas e, por conseguinte, rejeite outras leituras. O poeta tece seus versos acerca do tema, trabalhando-o de forma sutil, através de inocentes indagações que levam a criança leitora a se questionar sobre a morte e sobre aspectos que a envolvem, como a saudade, a brevidade da vida, e sobre o que há após esse acontecimento.

A saudade, sentimento claramente percebido no poema, faz com que o eu-lírico recolha memórias (cenas) acerca das situações que ele vivenciou com sua avó já falecida. Essas memórias dizem muito sobre a relação familiar e intergeracional construída, visto que repletas de encanto, carinho e saudade, indicam um diálogo saudável entre as gerações, percebido nos seguintes versos: *Por isso quando me lembro/ Do jeito que ela falava/ Do jeito que ela sorria/ E me pegava no colo.*

Primeiramente cabe dizer que, se há saudade, implica afirmar também que a convivência entre avó e criança era, de fato, amigável, pois a criança sente saudades de quando a avó conversava, sorria e a pegava no colo, ações estas de carinho entre os parentes.

Além disso, durante todo o poema percebe-se uma angústia por parte do infante com relação à transitoriedade da vida e a incerteza do que acontece após a “passagem”: a dúvida sobre o estado de saúde e o lugar no qual a avó se encontra atormenta a criança, fazendo com que ela procure no céu (onde os adultos, para acalantar a criança, dizem que a vovó está). Os últimos versos vêm a comprovar a dúvida e a angústia sentidas: *Fico olhando lá pra cima/ Procurando pelas nuvens/ Perguntando pras estrelas/ — Será que a vovó taboa?! — Será que a vovó ta bem?! — Como será que ela está?*

Chamamos atenção, ainda, para a opção do poeta por não explicitar o sexo da criança que fala (menino ou menina?), o que faz com que qualquer criança, independentemente do sexo, possa se reconhecer no eu-lírico e então vivenciar a situação imposta.

Vivenciando, deste modo, a experiência da dor da perda da avó, através da leitura desses versos, a criança leitora que já perdeu os avós achará um semelhante, o eu-lírico, com quem poderá dividir a sua dor. A criança leitora que ainda tem os avós,

provavelmente passará a valorizar mais o seu idoso(a), olhando para ele(a) de maneira diferente. Já a criança que não conviveu com os seus avós (ou outros idosos), a partir da experiência literária, saberá a importância do idoso para os seus netos e também que ele merece um cuidado especial.

O poema atinge, destarte, o papel humanizador característico da literatura que tanto discutimos no decorrer desta pesquisa. Ele influencia o olhar da criança e conseqüentemente influencia as suas idéias, fazendo-a assumir outra postura diante de determinada situação ou realidade: ter um olhar mais cuidadoso diante das pessoas idosas.

Outro poema que traz em seus versos o tema da saudade é *A casa do meu avô*, também de Ricardo Azevedo. No poema, o eu-lírico, um menino que acreditamos ter em torno de 10 anos de idade, ao mesmo tempo em que descreve, demonstra uma saudade enorme do agradável ambiente que o acolhe: a casa de seu avô. Observemos os versos:

Vou tomar um trem agora
Vou pegar o avião
Vou de ônibus, de carro
De barco, vou de charrete
De lambreta, motoneta
Patinete, bicicleta
Se precisar vou a pé
Pra casa do meu avô

Na casa do meu avô
Além do jardim florido
Plantado pelo seu Júlio
Além de ter um cachorro
Dengoso mas furioso
Das conversas lá no quarto
Do tio Nená que é tantã
Do piano da vovó

Tocando misterioso
De tantos livros bonitos
Da comida da Geralda...
Na casa do meu avô
Ou melhor, na casa ao lado
Mora uma certa pessoa
Que se chama Isildinha.

Ah como é boa essa vida
Na casa do meu avô!

Bem melhor que sorvete
Mais gostosa que bombom

Que refresco, chocolate
Bolo, bala, caramelo.
Ah como é doce essa vida
Na casa do meu avô!

Na primeira estrofe, o termo “vou” e a preposição “de”, que poderia ser ocultada sem alterar o sentido do poema, são repetidos diversas vezes a fim de enfatizar tal desejo, é o que se percebe em:

Vou de ônibus, **de** carro
De barco, **vou de** charrete
De lambreta, motoneta

A vontade de voltar à casa do avô é tão grande que faz com que o eu-lírico imagine diversos meios de transporte que podem levá-lo até lá (carro, ônibus, charrete, avião, barco, bicicleta etc). Essa menção à vários transportes dá asas à imaginação do leitor que, juntamente com o eu-lírico, viaja de diversas maneiras até a casa do avô do menino. O poema ganha o leitor, já na primeira estrofe, por fazê-lo viver, através de imagens tão reais, essa saudade que o eu-lírico sente, aguçando a fantasia.

O fato de pensar em tantos meios de transporte, nos faz concluir que, provavelmente, a casa do avô se localiza um pouco longe da casa do neto, mas ele, categórico, afirma ao final da primeira estrofe *Se precisar vou a pé/ Pra casa do meu avô*, tamanho é o desejo de estar nesse ambiente. O lugar é tão agradável, que qualquer esforço para estar lá é válido.

A partir da segunda estrofe, a saudade e o desejo de estar naquele ambiente serão explicados através de descrições do lugar. E, mais que simplesmente descrever o ambiente físico, o eu-lírico descreve como é a vida, além dos objetos, das conversas, do animal de estimação, das pessoas e da sensação de estar ali. Para tanto, a voz poética se utiliza de termos repetidos e imagens. Observemos primeiramente os termos repetidos pelo neto:

Na casa do meu avô
Além do jardim florido
Plantado pelo seu Júlio
Além de ter um cachorro

Dengoso mas furioso
Das conversas lá no quarto
Do tio Nená que é tantã

Já as imagens, que se caracterizam como memórias do menino, vivas e coloridas, garantem a imaginação do leitor-mirim, que muito facilmente as lê e as vive, compartilhando cada uma delas com o eu-lírico até o último verso. Segundo Silva (2010), as imagens poéticas no poema infantil são importantes ao passo que traz a representação da palavra na imaginação de quem lê. Elas são palavras que se concretizam em cores, formas e volumes, despertando significações e provocando reações emocionais. Deste modo, a imagem poética garante veracidade ao que se lê e estimula a imaginação e a fantasia.

Na apreciação das imagens poéticas trazidas pelo poema infantil lê-se, segundo Silva, Costa & Macêdo (2012, s. n. p.):

(...) o dito e o não dito. Leem-se cores. Leem-se gestos. Leem-se movimentos. Leem-se sentimentos. Leem-se sons, cheiros, o palpável o não palpável. Discute-se. Brinca-se. Apreende-se. Vive-se.

Tais imagens são postas ao leitor infantil a partir do estímulo dos sentidos. Temos o estímulo da visão em *Na casa do meu avô/ Além do jardim florido*; da audição em *Do piano da vovó Tocando misterioso*; e do paladar em *Da comida da Geralda...*, fazendo com que o poema salte dos versos e se torne real à criança.

Nas duas últimas estrofes, o eu-lírico utiliza novamente um dos sentidos para convencer a criança leitora da boa vida que se tem na casa do avô: o paladar. Podemos atestar essa assertiva a partir da leitura dos dois últimos versos do poema, nos quais o eu-lírico afirma *Ah como é doce essa vida/ Na casa do meu avô*.

O paladar é um dos sentidos mais aguçado e que mais interessa (senão o que mais interessa) a criança. As crianças leitoras, público ao qual o poema é endereçado, estão na fase de apreciação das balas e doces. É por isso que o poeta menciona tantas guloseimas nos últimos versos, para atrair o leitor. O uso desse sentido em seu poema supõe, portanto, que o poeta conhece o universo da criança.

Por fim, cabe ressaltar que, embora o avô não apareça declaradamente como uma saudade na memória do eu-lírico, acreditamos que essa saudade, bem como as memórias coletadas do ambiente no qual vive o velhinho, são, na realidade, uma representação da boa convivência intergeracional, as relações interpessoais e a vida naquele lugar. Apesar

do eu-lírico não tocar diretamente na figura do avô, ele o referencia por diversas vezes na sentença “casa do meu avô”, recorrente no poema.

Torna-se claro, portanto, que a relação estabelecida entre neto e avô, bem como entre neto e demais figuras do poema, a exemplo do tio e da cozinheira, são relações saudáveis, nas quais o menino respeita não só o avô idoso, mas também as pessoas mais velhas.

Outra faceta por nós percebida é que a fantasia e o riso adquirem ainda mais significância quando atreladas ao poema que versa sobre o envelhecimento humano. O motivo pelo qual isso acontece é que, por ser o tema um assunto diversas vezes triste – visto que a velhice “debilita” aos poucos nossas pessoas queridas e isso gera o abandono – tais características, quando utilizadas pelo poeta, suavizam a tensão compreendida pelo tema, o que é o caso do poema *A língua de Nhem*, de Cecília Meireles¹⁵, no qual a língua criada pela idosa provoca o riso e estimula a fantasia por parte do infante. Esses aspectos – riso e fantasia – são os ingredientes certos para fazer com que a criança não atente ou esqueça a dor da solidão sentida pela velhinha:

Havia uma velhinha
que andava aborrecida
pois dava a sua vida
para falar com alguém.

E estava sempre em casa
a boa velhinha
resmungando sozinha:
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

O gato que dormia
no canto da cozinha
escutando a velhinha,
principiou também

a miar nessa língua
e se ela resmungava,

¹⁵Cecília Benevides de Carvalho Meireles nasceu no Rio de Janeiro, no dia 7 de novembro de 1901 e faleceu em 9 de novembro de 1964. Foi poetisa, pintora, professora e jornalista brasileira e é considerada uma das vozes líricas mais importantes da literatura, tendo recebido, da Academia Brasileira de Letras, o prêmio Machado de Assis pelo conjunto de sua obra. Seus textos infantis são largamente reconhecidos pela crítica e pelo público.

o gatinho a acompanhava:
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

Depois veio o cachorro
da casa da vizinha,
pato, cabra e galinha
de cá, de lá, de além,

e todos aprenderam
a falar noite e dia
naquela melodia
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

De modo que a velhinha
que muito padecia
por não ter companhia
nem falar com ninguém,

ficou toda contente,
pois mal a boca abria
tudo lhe respondia:
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

O poema apresenta ao leitor mirim o tema da solidão na terceira idade. Tal solidão, que deve ser atestada pelo leitor imediatamente após a leitura da primeira estrofe do poema, é vivida, como já mencionamos, por inúmeros idosos brasileiros. O poema reproduz então para a criança um recorte da realidade, um exemplo dentre tantos idosos que vivem só.

Cecília cria, a partir da observação de uma situação real do cotidiano, um novo mundo fantasioso que é projetado pelo seu eu-lírico (observador), totalmente possível no imaginário infantil, onde os animais são capazes de se comunicar com os seres humanos. No caso do poema em questão, os animais, por meio de uma nova língua – a língua de Nhem– se comunicam com a velhinha ao repetir o seu resmungado.

A língua de Nhem aparece no poema, para a surpresa dos leitores, como a solução para o sentimento de solidão que a invadia e como uma fuga da realidade de isolamento que se instaurava em sua vida, pois, através desse novo modo de falar, *o gato que dormia no canto da cozinha [...]/ [...] o cachorro da casa da vizinha/ pato, cabra e galinha* passam a lhe fazer companhia, de maneira que a velhinha, *que muito padecia/ por não ter*

companhia/ nem falar com ninguém, muda o seu humor de *aborrecida* (primeira estrofe) para *contente* (última estrofe).

Ao ler o poema, a fantasia pode tomar conta da imaginação da criança, uma vez que, como num passe de mágica, ser-humano e animal se comunicam. Essa fantasia se caracteriza como um refúgio para a idosa, animais e até mesmo para a criança leitora que, como a velhinha, também se sente só, permitindo que, juntos, se defendam da solidão e vivam, agora, felizes pela companhia do outro (no caso do poema, dos animais).

Durante a leitura, a surpresa diante da invenção da nova língua, que acontece num “passe de mágica”, atrelada à musicalidade garantida pelas rimas e pela repetição (quase que cantada) do resmungar da velhinha, leva o leitor, sobretudo o infantil, ao riso, à fantasia e ao encantamento.

Depois veio o cachorro
da casa da vizinha,
pato, cabra e galinha
de cá, de lá, de além,
e todos aprenderam
a falar noite e dia
naquela melodia
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

A fantasia, a musicalidade e a ludicidade presentes nos versos fazem com que a criança-leitora nem mesmo atente para o sofrimento da velhinha, causado pela solidão (que é, de certa forma, compartilhado com o leitor). Esses recursos, peculiares da Poesia Infantil, e muito bem apropriados por Cecília Meireles, amenizam a tensão da temática trazida e divertem o leitor ao mesmo tempo em que não subestimam a “lição” instaurada no poema.

Como já dito anteriormente em nossa pesquisa, não cabe à Poesia Infantil o papel de ensinar à criança modos de ação. Contudo, ela sugere em seus versos caminhos para que as ações da criança sejam as melhores possíveis após a experiência literária. No caso do poema em análise, essa assertiva torna-se clara: o poema, que não possui viés moralizante, estimula o olhar da criança para o tema da solidão – e para a situação do idoso – sugerindo que esse sentimento provoca a tristeza e o aborrecimento, sobretudo quando sentida na terceira idade.

No tocante às temáticas trazidas aos olhos dos leitores mirins, é importante destacar que assuntos tensos podem ser dialogados com a criança leitora. Porém, recomendamos que o tratamento dado a tais assuntos deve respeitar a natureza e os limites do universo infantil.

Após a análise de cada poema apresentada acima, observemos agora um quadro síntese que nos permite melhor apreender as variações, interlocuções e divergências entre os sete poemas analisados, no que diz respeito a) à descrição que fazem do idoso; b) ao tipo de relação intergeracional que suscitam; e c) à representação de idoso que revelam:

Quadro 01 – Representações do idoso nos poemas infantis selecionados			
Poema/Autor	Como são descritos a aparência e o perfil do idoso	Tipo de relação entre a criança e idoso	Representação do idoso
Clock, o relóginho solitário (Radyr Gonçalves)	Velho, solitário, ranzinza e insensível.	Não há interação entre criança e idoso.	Pejorativa
Casa de avó (Roseana Murray)	Fada, árvore encantada, amorosa.	Não há interação entre criança e idoso.	Encantada
Os óculos da vovó (Dom Marcos Barbosa)	Esquecida e divertida.	Relação respeitosa, divertida e amigável entre avó e netos.	Lúdica
A avó (Bastos Tigre)	Velha, franzidinha, zangada, esquecida e amorosa.	Relação respeitosa, divertida e amigável entre avó e neto(a).	Lúdica
Onde será que ela está? (Ricardo Azevedo)	Boa, simpática e amorosa.	Relação respeitosa entre avó e neto(a).	Encantada/ Saudosa
A casa do meu avô (Ricardo Azevedo)	Não há descrição das características físicas e nem do perfil do idoso.	Relação saudosa entre o neto e a vida na casa do avô.	Saudosa/ Lúdica
A língua de Nhem (Cecília Meireles)	Aborrecida, solitária e boa.	Não há interação entre criança e idoso.	Encantada/ Lúdica

Através do Quadro 1, observamos que apenas o primeiro poema traz uma representação pejorativa do idoso, enquanto que os demais poemas retratam o idoso de forma positiva, dignificando-o. Vejamos a seguir tais assertivas:

Por fim, lembramos que, no caso de poemas infantis que toquem na questão do envelhecimento humano, as peculiaridades da poesia infantil, estudadas no capítulo anterior, quando atreladas às considerações que aprofundamos neste, são a chave para a humanização das pessoas frente ao tema versado e, por esta razão, podem e devem ser levados à criança.

Considerações finais

No primeiro capítulo deste trabalho, chamamos a atenção para o fato de que o envelhecimento da população nacional decorre principalmente dos processos de desenvolvimento e de industrialização da sociedade. O idoso passa, destarte, a requerer mais espaços na sociedade, espaços esses que antes eram ocupados pelos jovens. Porém, esses mesmos processos, aliados à lógica capitalista, fomentam o preconceito e a exclusão do idoso.

Para que haja uma sensibilização social em torno da questão e das demandas do idoso é preciso focalizar e modificar inicialmente a concepção e a representação da pessoa idosa no seio familiar e, mais precisamente, a representação de idoso que a família e a sociedade levam à criança.

Reconhecendo a literatura, sobretudo a Poesia Infantil, em seu caráter humanizador e enquanto meio de se apresentar o velho à criança, entendemos que, antes de ser levada ao infante, a representação do idoso no poema infantil deve ser avaliada. Isso porque acreditamos que tal representação deva primar por um olhar positivo do velho, contribuindo, dessa forma, para ações e posturas valorativas diante dele.

Os poemas infantis, portanto, não podem trazer assertivas que sugiram que o que é (ou quem é) velho não merece atenção, pois será sempre feio, mau e perigoso. Tais assertivas acabam por contrariar o próprio caráter humanizador – que a literatura pode oferecer mediante a experiência literária – na medida em que disseminam, entre as crianças leitoras, o preconceito, o medo, o descaso, o desrespeito e a desatenção para com a terceira idade.

A pesquisa supra-apresentada teve como objetivo, portanto, analisar o modo pelo qual o idoso é apresentado à criança por meio de poemas infantis, a saber: *Clock, o relóginho solitário*, *Casa de Avó*, *Os óculos da vovó*, *A avó*, *Onde será que ela está?*, *A casa do meu avô* e *A língua de Nhem*.

Apenas o primeiro poema representou o idoso de forma negativa, podendo a sua leitura, como visto, induzir a criança a fazer generalizações do tipo “todo idoso é ranzinza e insensível”, já que traz essas assertivas em seus versos, o que não contribui para a sensibilização ou para ações valorativas, por parte da criança, para com o idoso.

Os demais poemas apresentam uma imagem dignificante do idoso. Este é descrito na maioria das vezes como realmente o é (sem amenizações): pessoa de aparência

envelhecida; que, por vezes amorosa, vezes zangada, vezes solitária e vezes divertida, deixa saudades em quem convive com ela; e cujas relações, geralmente entre avô(ó) e neto(a), são bastante respeitosas; etc.

Percebemos ainda que há, nos poemas infantis, modernos e contemporâneos, uma tendência positiva a retratar o idoso de forma lúdica e/ou saudosa e/ou encantada, o que pode divertir, sensibilizar e/ou estimular a imaginação da criança leitora. Neste sentido, quando lidos pela criança, esses poemas podem contribuir para que elas desenvolvam posturas e ações valorativas para com a pessoa idosa

No decorrer de nossa pesquisa e análise, na maioria dos poemas, identificamos a recorrência de alguns aspectos que – a nosso ver – são imprescindíveis à sensibilização da criança diante da questão do idoso; são eles: o poeta deve (re)conhecer a natureza do universo infantil e do universo do idoso ao versar para a criança; deve aceitar e respeitar a terceira idade, bem como seu modo de ser; e deve representar física e psicologicamente o idoso, assim como as relações pessoais e intergeracionais, de forma respeitosa.

Além disso, identificamos também duas facetas que, quando utilizadas pelo poeta, contribuem para a sensibilização da criança diante da questão do idoso: a utilização de um eu-lírico “acriançado”, que tece versos sob a perspectiva do olhar infantil; e de peculiaridades, como a fantasia e o riso, além das outras destacadas no segundo capítulo deste trabalho. Essas facetas podem evitar que a criança se choque diante de questões e temas tensos relacionados à terceira idade, como a doença e a morte, respeitando o universo infantil, sem incorrer na sua infantilização.

Embora tenhamos um *corpus* de pesquisa que não é passível de ser generalizado para o universo total dos poemas infantis, o que a análise dos poemas acima nos revela é que neles predomina uma representação positiva e dignificante do idoso, sugerindo indícios de um potencial deste gênero literário para a sensibilização dos infantes quanto à questão do idoso e do envelhecimento.

Assim, ainda que isto se configure como um horizonte distante das tendências que se apresentam na realidade, como profissionais que atuam no espaço da formação acadêmica, escolar e da cidadania, cabe aos escritores, aos professores e também à família fomentar a expectativa de que a poesia infantil possa e deva contribuir para a concretização dos direitos dos idosos no Brasil (e no mundo).

É preciso criar, nesses âmbitos, uma cultura de valorização, respeito e assistência ao idoso, capaz de assegurar-lhe todas as oportunidades para a “preservação de sua saúde física e mental, seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade” (BRASIL, 2003, p. 09), tal como propõe o marco legal de proteção social a este segmento de atenção.

Referências

Poemas selecionados para *corpus* da pesquisa

AZEVEDO, Ricardo. *Onde será que ela está?*. In: AZEVEDO, Ricardo. *A casa do meu avô*. São Paulo: Ática, 1998.

_____. *A casa do meu avô*. In: AZEVEDO, Ricardo. *A casa do meu avô*. São Paulo: Ática, 1998. Disponível também em: <http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Regionais/108800/Anonimo/melhorconto2010/fund1/index.html>, acesso em: 05/12/1013.

BARBOSA, Dom Marcos. *Os olhos da vovó*. In: BARBOSA, Dom Marcos *Poemas Para Crianças e Alguns Adultos*, 1994. Disponível também em: <https://peregrinacultural.wordpress.com/2010/05/28/os-olhos-da-vovo-poema-infantil-de-dom-marcos-barbosa/> acesso em 28/02/2014.

GONÇALVES, Radyr. *Clock, o relógio solitário*. Disponível também em: <http://theworldofradyrgoncalves.wordpress.com/>, acesso em: 05/03/2014.

MEIRELES, Cecília. *A língua de Nhem*. In: MEIRELES, Cecília. *Ou isto ou aquilo*. 5.ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2003. Disponível também em: <file:///D:/Documents/Downloads/INFANTIL%20-%20Cecilia%20Meireles%20-%20Poesias%20Do-Livro%20Ou%20Isto%20Ou%20Aquilo.pdf>, acesso em: 05/12/1013.

MURRAY, Roseana. *Casa de avó*. In: MURRAY, Roseana. *Casas*. Belo Horizonte: Ed. Formato, 1994. Disponível também em: <http://blogdaroseana.blogspot.com.br/2013/01/casa-de-avo.html>, acesso em: 28/02/2014.

TIGRE, Bastos. *A avó*. In: TIGRE, Bastos. *Poemas da Primeira Infância*. Rio de Janeiro : Tipografia Coelho, 1925. Disponível também em: http://mensagensvirtuais.xpg.uol.com.br/Comemorativa/A_avo, acesso em: 26/03/2014.

Outros poemas comentados

AZEVEDO, Ricardo. *Galo*. In: OLIVEIRA, M. R. L. ; PAES, J. P. ; AZEVEDO, R. ; LIMA, R. C. *Um poema puxa o outro*. São Paulo: Cia das letras, 2002.

MEIRELES, Cecília. *No último Andar*. In: MEIRELES, Cecília. *Ou isto ou aquilo*. 5.ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2003.

MORAES, Vinícius. *A casa*. In: MORAES, Vinícius. *A Arca de Noé*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1970.

OLIVEIRA, M. R. L. *Pagando Mico*. In: OLIVEIRA, M. R. L. ; PAES, J. P. ; AZEVEDO, R. ; LIMA, R. C. *Um poema puxa o outro*. São Paulo: Cia das letras, 2002.

Referencial Teórico

ABRAMOVICH, F. *Literatura Infantil. Gostosuras e bobices*. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

AGUIAR, V. T. de (Coord.). *Era uma vez... Na escola. Formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato editorial, 2001.

ARAÚJO, C. L. O; SOUZA, L. A de ; FARO, A. C. M. e. Trajetória das instituições de longa permanência para idosos no Brasil. Universidade Federal de Goiás: *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 2, , 2010. p. 250-262.

AZEVEDO, R. Literatura infantil: origens, visões da infância e certos traços populares. In *Presença Pedagógica* - Belo Horizonte - Editora Dimensão - Nº 27 - mai/ jun 1999 e em *Cadernos de Aplicação*. Volume 14 Número ½. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Jan/Fev 2001. Disponível em <http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Literatura-infantil.pdf>. Acesso: 05. abr. 2014.

BORDINI, M. da G.. *Poesia Infantil*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

BORDINI, M da G. A poesia e seus usos na Infância. In: BARBOSA, Márcia Helena Saldanha; BECKER, Paulo. *Questões de Literatura*. Passo Fundo: UPF, 2003.

BRASIL. Estatuto do Idoso. Brasília: Senado Federal. Secretaria Especial de Editoração e Publicações: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2003.

BRUNO, M. R. P. Cidadania não tem idade. In: *Revista Serviço Social e Sociedade: Velhice e Envelhecimento*. Ano XXIV Nº 75. São Paulo: Cortez, 2010. p. 74-84.

CAMARANO, A. A. et. al (Org.). *Como vai o idoso brasileiro*. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

CÂNDIDO, A. “O direito à Literatura”. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p.169-181.

CASTRO, M. G. B. de. Noção de criança e infância: diálogos, reflexões, interlocuções. In: *Anais do 16º Congresso de Leitura do Brasil*. Niterói/RJ: Universidade Federal Fluminense, 2007. Disponível em http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/ Acesso: 05.abr. 2014.

GOLDSTEIN, N. *Versos , Sons e Ritmos*. 13 a ed. São Paulo: Ática, 2000.

IBGE. Perfil dos Municípios Brasileiros - Assistência Social 2005. Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/perfilmunic/assistencia_social2005/default.shtm. Acesso: 12.mar.2014.

- MARTHA, A. A. P.; ESTEVES, N. C. Literatura infantil e autoconhecimento: perdas e ganhos. In: ROSING, Tania M. K.; BULAMARQUE, F.V. *De casa e de fora, de antes e de agora: estudos de literatura infantil e juvenil*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2010. p. 137-157.
- MELLO, A. M. L. de. O gênero lírico na Literatura Infantil. In: *Literatura Infanto-Juvenil: Prosa & poesia*. MELLO, M Z. T e SILVA, V. M. T. Goiânia: Editor da UFG, 1995. p.147-153.
- MENDES, T. M. S. *Da adolescência à envelhecência: convivência entre as gerações na atualidade*. Porto Alegre: Mediação, 2012.
- MERCADANTE, E. F. *et al* , Editorial. In: *Revista Serviço Social e Sociedade: Velhice e Envelhecimento*. Ano XXIV Nº 75. São Paulo: Cortez, 2010.
- PINHEIRO, H. *Poesia na Sala de Aula*. (3ª ed. revista e ampliada). Campina Grande: Bagagem, 2007.
- PINHEIRO, H. *Poesia pra crianças: novos livros, novos autores*. In: In: ROSING, T. M. K., BULAMARQUE, F. V.i. *De casa e de fora, de antes e de agora: estudos de literatura infantil e juvenil*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2010. p. 243- 266.
- RIBEIRO, E. M; SILVA, J. A. de S; MESSIAS, J. S.. *Leitura e contações de histórias literárias infantis*. Campina Grande: PET-Letras UFCG. 2012.
- RIBEIRO S. A. Modos de ser criança: experiências e vivências contadas por crianças de primeira série em uma escola rural. In: CAMARGO, M.R.R.M. (Org)., SANTOS, V.C.C., (colab). *Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p.105 -121.
- ROSA, M. F. V. O sentido da poesia na educação infantil: A função social e algumas possibilidades pedagógicas. [Trabalho de conclusão de curso]. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2009.
- SILVA, J. A. de S.; MACÊDO, D. D. S. de.; COSTA, R. K. A. da. *Um poema puxa o outro: análises e propostas de trabalho para a sala de aula*. Anais Enlije (2012) - Volume 1, Número 1. Campina Grande-PB: Mestrado em Linguagem e Ensino - UFCG (Linha de Pesquisa Literatura e Ensino) e ATECEL, 2012.
- SILVA, V. M. T.. Poesia para crianças. In: ROSING, T. M. K., BULAMARQUE, F. V. *De casa e de fora, de antes e de agora: estudos de literatura infantil e juvenil*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2010. p. 229-242.
- VALENTE, T. A. *Gêneros poéticos na escola de hoje*. In: AGUIAR, V. T. de; CECCANTINI, J. L. *Poesia Infantil e Juvenil Brasileira, uma ciranda sem fim*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p.103-132.